

ACESSO DISCURSIVO EM NOTÍCIAS ON-LINE: MECANISMO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães
lilian.noemia@gmail.com

Resumo:

A mídia está difundindo identidades sociais e comprometendo o acesso de alguns discursos à informação, afirma Moita Lopes (2003). A partir dessa consideração, perguntamo-nos: os discursos que têm acesso ao jornal para compor o gênero textual notícia interferem na atribuição de identidade dos atores sociais? Partindo de tal questionamento, objetivamos neste trabalho examinar quais são os discursos que têm acesso ao jornal para constituírem notícias sobre greve de servidores estaduais; e analisar se a escolha desses discursos, pelo jornal, proporciona a atribuição de identidades aos trabalhadores grevistas. O *corpus* do trabalho constitui-se de notícias extraídas do *Jornal do Commercio* online no período de 1 de junho a 30 de julho do ano de 2009. Nosso objeto de estudo são os textos publicados sobre as greves de servidores das Redes Públicas de Saúde e de Ensino do Estado de Pernambuco.

Introdução

Levando em consideração abordagens que nos indicam que as identidades sociais não são nem estão prontas e fixas, mas sim, são constituídas por meio de processos discursivos (HOFFNAGEL, 2010; MOITA LOPES, 2003), consideramos ser relevante o estudo do acesso discursivo, pois acreditamos que o acesso de discursos a diversos gêneros constitui-se em um mecanismo que proporciona a atribuição de identidade a atores/grupos sociais.

Diante disso, pretendemos, neste artigo, examinar quais são os discursos que têm acesso ao jornal para constituírem notícias sobre greve de servidores estaduais e analisar se a escolha desses discursos, pelo jornal, proporciona a atribuição de identidades aos trabalhadores grevistas.

Chama-nos a atenção para a escolha de publicações de notícias sobre o tema greve, pois, com base nas considerações de Van Dijk (2008), os trabalhadores passam a participar com mais intensidade do discurso da mídia quando estão inseridos no movimento grevista. Diz o autor que trabalhadores introduzidos em grupos grevistas não são definidos como fazendo parte da audiência, exceto quando estão em explicações negativas dos conflitos ou em notícias sobre negociações com os seus líderes. Isso nos faz pensar sobre a noção comumente compartilhada na sociedade, como também em discursos acadêmicos, acerca da imparcialidade e neutralidade existente no discurso jornalístico. Destaca Van Dijk (1996), que a suposição de imparcialidade das representações da notícia é posta em questão pela descrição tendenciosa que se faz das greves, em favor daqueles que estão no poder, um viés que pode ser destacado e observado especialmente em pequenos e sutis detalhes do relato noticioso. O poder aqui é tido como uma relação social entre grupos ou instituições, envolvendo o controle por parte de um grupo poderoso ou instituição das ações e mente de um grupo menos poderoso¹ (VAN DIJK, 2008).

¹ Em nosso trabalho consideramos que os trabalhadores envolvidos no movimento grevista são os grupos que têm menos poder. Sabemos que a representação de uma entidade sindical tem o poder de dar desenvolvimento ao movimento grevista, entretanto, esse poder não é instituído, ele é apenas delegado pelos membros do próprio movimento grevista. Dessa maneira, mesmo estando cientes de que o grupo dos grevistas tem poder, iremos considerá-lo como o grupo dos menos poderosos.

Com a finalidade de mostrar como esse poder se configura na imprensa, alguns autores (VAN DIJK, 1997, 2008; FALCONE, 2005) trabalham com a noção de acesso discursivo. Tal noção é considerada como relevante nos estudos sobre discurso e poder, pois o acesso é tido como um elemento importante na reprodução discursiva do poder e da dominância nas sociedades

Acesso discursivo consiste basicamente no espaço cedido a alguns discursos pelos veículos de comunicação para a construção discursiva do próprio jornal ou dos gêneros textuais jornalísticos. Entretanto ele não se delimita apenas à imprensa, pois pode abranger tanto o modo como as pessoas tomam iniciativa nos diversos eventos comunicativos, como também, o modo com que controlam as propriedades do discurso (VAN DIJK, 2008).

O acesso possibilita, desta maneira, que grupos sociais participem discursivamente de vários gêneros. No espaço jornalístico, acreditamos que um dos modos de acesso discursivo bem evidente é realizado por meio da *seleção de discursos reportados* para serem divulgados no jornal. Acreditamos nisso, pois a divulgação de alguns discursos diretos e indiretos proporciona que determinados atores sociais, enunciadores de tais discursos, sejam citados e evidenciados no discurso jornalístico. Isso possibilita que percebamos quem são os atores sociais que são eleitos pelo jornal, uma instituição de poder, para terem acesso².

Como fundamentação teórica, os pressupostos da Análise Crítica do Discurso, principalmente os trabalhos realizados por Van Dijk, basearam a nossa investigação.

1. Análise Crítica do Discurso e Acesso Discursivo

Sabe-se que um dos objetivos mais importantes da Análise Crítica do Discurso é explicar as relações entre discurso e poder social. Mais especificamente, os trabalhos com base na ACD têm o propósito de descrever e de explicar como o abuso do poder é praticado, reproduzido e legitimado pelo texto e pela fala de grupos ou instituições dominantes (VAN DIJK, 2008).

Uma vez que o acesso ao discurso configura-se como um dos modos mais efetivos de se exercer o poder social, e a Análise Crítica do Discurso é tidada como “uma ferramenta de diagnóstico importante” (VAN DIJK, 2008, p.96) para a análise do poder e, dessa maneira, para a avaliação da dominância social e política, é importante que o acesso ao discurso e à comunicação pública de alguns grupos ou instituições seja analisado tendo por base os pressupostos teóricos da ACD.

Para Falcone (2005), a abordagem de acesso discursivo dentro da perspectiva da ACD é considerada ainda como sendo relativamente vaga, necessitando, por isso, de uma especificação mais sistemática sobre o assunto. Entretanto, enfatiza a autora que, mesmo precisando de estudos mais aprofundados sobre o tema, faz-se claro que toda e qualquer investigação sobre acesso “tem que levar em conta as classes sociais, os papéis das instituições envolvidas, as relações de poder existentes nesta sociedade e as organizações discursivas dentro desse contexto” (FALCONE, 2005, p.21). A ACD, desta maneira, é um campo de estudo que permite a realização de uma análise levando em conta tais aspectos.

Considera Van Dijk (2008) que uma análise crítica das propriedades de acesso ao discurso e à comunicação pública ajuda-nos a revelar que acesso sempre está vinculado a poder e, dessa forma, auxilia-nos a perceber quais são os aspectos políticos, socioculturais e econômicos mais gerais de dominância na sociedade.

² Nas análises deste trabalho deteremos uma atenção especial aos discursos reportados. Entretanto o acesso discursivo pode se realizar de diversas maneiras.

2. Noção de acesso discursivo

Assegura Van Dijk (2008) que, mesmo o acesso sendo considerado como um conceito relevante nos estudos sobre discurso e poder, ele ainda é tido como uma noção muito geral e, por isso, necessita de estudos mais específicos sobre o tema.

Os estudos do autor englobam a análise do acesso discursivo em instituições que são representativas do poder na sociedade, como as instituições jurídicas, acadêmicas, empresariais, políticas e jornalísticas.

A preocupação do estudo do acesso é com o funcionamento social das relações discursivas e, por isso, sua análise envolve o estudo da atuação de grupos que participam de eventos comunicativos e de instituições sociais, e não a atuação de indivíduos isolados (FALCONE, 2005).

O acesso discursivo pode abranger tanto o modo como os sujeitos tomam iniciativa nos eventos comunicativos, as modalidades de suas participações, como também, “os modos com os quais controlam as várias outras propriedades do discurso, como a tomada de turno, o sequenciamento, os tópicos e até mesmo como as pessoas são representadas no discurso, como referentes ou tópicos” (VAN DIJK, 2008, p.91).

Devido a isso, o acesso a discursos pode ocorrer de diversas maneiras. Os agentes mais influentes na sociedade podem, por exemplo:

Controlar o discurso ao determinar ou escolher hora e lugar, participantes, público, possíveis atos de fala (como ordem e pedidos), ordem do dia, assuntos, escolha da linguagem, estilo, estratégias de polidez ou deferência, e muitas outras características do discurso escrito ou falado. E eles podem, dessa forma, determinar quem diz (ou escreve) o quê, para quem, sobre quem, de que forma e sob quais circunstâncias. (VAN DIJK, 1997, p.169)

Com isso, o autor pressupõe que o poder social de um grupo ou instituição se torna proporcional à quantidade de gêneros e perfis discursivos controlado por esse grupo. Ou, em outras palavras, como considera o próprio autor, “o grau de acesso à mídia jornalística é um termômetro do grau do poder de elite” (VAN DIJK, 1997, p. 169).

Segundo o pesquisador, é importante se delinear alguns modelos de acesso, pois eles podem ser indicadores confiáveis do poder social de grupos e de seus membros. Esses modelos servem para indicar que o controle que as instituições de poder estabelecem é bem instituído e é conduzido por esquemas rígidos que acabam dificultando a inserção de quem não faz parte destes grupos sociais.

Falcone (2005), ao analisar acesso discursivo dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) ao domínio jornalístico, delineia alguns desses modelos, indicando-os como sendo macrocategorias de acesso. Essas macrocategorias são definidas pela autora como: acesso institucional e acesso episódico. A partir delas, a autora investiga como os integrantes do MTST participaram da construção do discurso jornal.

O institucional corresponde ao acesso que é dado ao “discurso das instituições, podendo ser este do próprio jornal, das instituições que estão em relação de sustentação de forças, ou daquelas em conflito com os grupos do poder econômico” (FALCONE, 2005, p.24). Considera a autora que este aspecto é importante porque indica que os movimentos sociais são, de um modo geral, considerados como institucionais.

Observa Falcone (2005), por meio desta macrocategoria, que as instituições ligadas ao poder mantêm o controle discursivo entre si e são frequentemente mais

citadas no discurso jornalístico. “Isso porque as informações são fornecidas e repassadas para a mídia (e depois para o público) pelos grupos de elite, nos quais, obviamente, as classes excluídas não têm qualquer inserção” (FALCONE, 2005, p.24-25). Um dos aspectos a que a autora se dedica a analisar nesta macrocategoria de acesso diz respeito aos atores sociais que são escolhidos e, muitas vezes, privilegiados pela imprensa para dar entrevistas.

Já em relação ao acesso episódico, como o próprio nome já indica, diz respeito “a episódios, eventos, fatos e às circunstâncias determinados pela mídia como relevantes para serem publicados nos veículos de comunicação” (FALCONE, 2005, p.26). Sobre isso, a autora se preocupa em investigar quais são os critérios que a mídia seleciona para caracterizar um evento social como importante e, por isso, digno de merecer notícia. Esta macrocategoria permite, deste modo, que se analisem quais são as vantagens e garantias que determinados grupos sociais têm para receberem acesso ao espaço discursivo do jornal (FALCONE, 2005).

Considera a linguista que, enquanto grupos de políticos, juristas e acadêmicos são procurados pelos jornalistas com uma maior frequência para dar entrevistas, os sindicalistas, militantes dos movimentos sem-terra ou sem-teto, grevistas e outros grupos que possuem pouco poder na sociedade têm acesso aos jornais quando estão, essencialmente, envolvidos em situações de conflitos, como passeatas, greves, ocupações, etc. (FALCONE, 2005)³.

3. Acesso dos excluídos na imprensa

Resolvemos nos dedicar a abordagem sobre acesso discursivo à imprensa de alguns grupos tidos como excluídos socialmente, pois os atores sociais selecionados para serem foco de nossa investigação, já que nos dedicamos ao estudo de suas atribuições identitárias, são os grevistas⁴.

Falcone (2005), como já foi dito, centra a análise que faz no seu trabalho no domínio jornalístico, procurando mostrar como os grupos menos favorecidos socialmente têm acesso ao espaço discursivo do jornal.

Afirma a autora que o acesso de grupos excluídos a discursos públicos, especificamente ao discurso jornalístico, é negociado entre as instituições de poder, e não se dá de forma igualitária para todos os grupos sociais. Como destaca Van Dijk (2008), para os vários grupos sociais envolvidos em cada domínio social, situação, organização ou profissão, um esquema discursivo e comunicativo de condições e estratégias de acesso é esboçado. Dessa forma, não se pode considerar que o acesso discursivo de todos os grupos a espaços públicos são iguais.

Os grupos ou instituições da elite podem ser caracterizados, segundo Van Dijk (1997a), essencialmente pelo acesso preferencial ao discurso público ou a outros discursos e eventos comunicativos de peso. Já as minorias e seus representantes têm pouco acesso ao discurso público em geral, a não ser “por protestos e comportamentos

³ Esse acesso discursivo ao espaço do jornal dado a alguns grupos que não detém o poder na sociedade, considerados como **grupos dos excluídos**, é foco da investigação de Falcone em 2005.

⁴ O motivo central para considerarmos esse grupo como sendo excluído socialmente deve-se ao fato de um dos mecanismos de exclusão na sociedade ser proporcionado pelo acesso discursivo que se dá aos grupos/atores sociais nos eventos comunicativos. Como o acesso à imprensa de alguns trabalhadores quase não acontece, exceto quando estão envolvidos em situações de greve e quando essas situações envolvem conflitos, consideramos o grupo grevista como sendo excluído socialmente.

perturbadores que irão certamente ser definidos como uma confirmação de estereótipos e preconceitos dominantes” (VAN DIJK, 2008, p.100).

Dessa maneira, quando subvertem a ordem dos modelos de acesso que dá preferencialmente acesso aos grupos de elite, é que os grupos dos excluídos obtêm conquistas sociais e a atenção da sociedade (FALCONE, 2005). É assim que eles conseguem romper com a invisibilidade que os cerca.

Essa falta de acesso das minorias ao discurso público é considerada como um dos aspectos mais evidentes da dominância simbólica das elites (VAN DIJK, 2008). Quanto menos acesso essas minorias têm, quanto menos espaço elas ganham nos diversos discursos públicos, mais invisíveis essas classes se tornam. Essa invisibilidade proporcionada pelo acesso que exclui as classes menos favorecidas socialmente, revela a existência do poder de uma elite que faz questão que esse modelo de acesso excludente permaneça.

No espaço discursivo do jornal, por exemplo, geralmente as opiniões dos grupos de elite são evidenciadas, pois os jornalistas procuram entrevistá-los e apresentá-los como protagonistas ou comentaristas em alguns noticiários (VAN DIJK, 1997). Já os grupos dos excluídos conseguem ter espaço nos jornais, disputando com as instituições de poder, quando rompem com a ordem social estabelecida.

Ou seja, os falantes das minorias têm acesso ao discurso jornalístico, na maioria das vezes, quando, por exemplo, promovem passeatas, realizam protestos, ocupam prédios desocupados ou realizam saques (FALCONE, 2005). E, quando estes grupos têm esse acesso, “ou serão citados os porta-vozes moderados que compartilham opiniões com a maioria, ou serão citados os radicais ou extremistas para dar margem ao ridículo e ao ataque” (VAN DIJK, 2008, p.100).

Acreditamos que esse tipo de acesso em que são citados determinados discursos que dão margem ao ridículo das pessoas envolvidas em situações que rompem com uma ordem social estabelecida, como aborda o autor, proporciona que imagens negativas sobre todo o grupo aos quais tais indivíduos pertencem sejam criadas.

4. Acesso discursivo e construção de identidade

A fim de melhor analisarmos que discursos são selecionados pelo jornal para receberem acesso à notícia e quais são os que atribuem identidades aos atores sociais relatados no fato noticioso, selecionamos notícias extraídas do *Jornal do Commercio* online, do ano de 2009, sobre greve de professores no estado de Pernambuco para serem objeto de pesquisa⁵.

Um aspecto em relação ao método que procuramos utilizar para analisar o processo de construção identitária do grupo grevista foi não somente nos dedicarmos à investigação de suas identidades, mas também, as dos outros atores sociais que estavam envolvidos no movimento e que recebiam acesso de discursos reportados. Decidimos proceder dessa maneira, pois desejávamos não somente observar o contraste de identidades dos distintos grupos, mas verificar se a construção de identidades de grupos

⁵ Em um trabalho mais amplo analisamos oito notícias sobre greve de servidores estaduais em greve, mas devido ao espaço restrito para suas divulgações neste artigo, resolvemos expor apenas uma delas. As considerações finais deste artigo são sobre todo o *corpus* analisado e não apenas sobre a notícia selecionada para ser, aqui, mostrada.

não grevistas iria influenciar a atribuição de identidades dos indivíduos em greve. Vejamos mais especificamente a análise de uma das notícias ⁶.

Pernambuco // Greve

Servidores da Saúde ameaçam parar todos os atendimentos

Os servidores da Saúde estão mobilizados na manhã desta segunda-feira (29) em frente ao Hospital da Restauração, área central do Recife, em protesto contra a decisão da Secretaria de Administração de cortar o salário da categoria, em greve desde o dia 10 de junho. Eles também reclamam do adiamento do pagamento para o próximo dia 6 de julho e não hoje, como previsto. O governo decidiu que os grevistas vão receber apenas pelos dias trabalhados.

A presidente do Sindicato dos Servidores de Saúde (Sindsaúde), Perpétua Rodrigues, informou que a medida indignou ainda mais os profissionais e eles ameaçam parar todos os atendimentos até o meio-dia. "Nossa paralisação estava sendo passiva até o momento, mantendo 30% dos profissionais trabalhando e fazendo atendimentos de emergência, mas agora tomaremos medidas mais drásticas", afirmou.

» Estado confirma que grevista terá salário cortado

Apenas os médicos estão trabalhando neste momento no HR. Funcionários como porteiros, técnicos de enfermagem, instrumentistas e técnicos de raio-x deixaram o prédio e estão concentrados na rampa do hospital, em mobilização. Ainda segundo a presidente, a categoria decidiu não assinar o termo de adesão anunciado pela Secretaria de Administração do Estado para a volta ao trabalho. "Decidimos não assinar este documento e manteremos nossas reivindicações de melhores condições de trabalho, concursos públicos e revisão do Plano de Cargo e Carreiras", destacou.

A presidente também disse que o Governo está querendo negociar individualmente com cada servidor. "Não iremos admitir esta prática, já que a luta é de todos os profissionais", reclamou.

(Notícia publicada em 29.06.2009, às 09h34, por Paulo Floro Especial para o JC Online)

Essa notícia é um exemplo rico em acessos discursivos em várias partes do texto. O acesso a discursos reportados, por exemplo, acontece tanto na estrutura de relevância como no meio e fim da notícia. Mesmo nos propondo a deter uma atenção especial à análise desses discursos citados, procuramos analisar também outros aspectos da notícia que poderiam contribuir para a atribuição de identidades sociais dos grevistas.

⁶ Mesmo essa análise indicando quais foram as leituras que realizamos dos distintos discursos presentes na notícia, procurando mostrar as possíveis construções identitárias que estes discursos possibilitavam aos atores sociais, não consideramos que as identidades sejam pontuais. Ou seja, que cada um dos discursos vai proporcionar uma atribuição identitária única aos grupos que os enunciam ou aos que estes fazem referências. Consideramos, sim, que as identidades sociais são processuais. Ou seja, todos os discursos presentes na notícia vão servir de orientação para que os atores sociais envolvidos no relato noticioso sejam vistos como grupos que apresentam imagens sociais positivas ou negativas.

Vemos que o acesso a alguns atores sociais já começa a aparecer a partir do título do texto: *Servidores da Saúde ameaçam parar todos os atendimentos*. Isso poderia ser visto de maneira positiva, uma vez que a seleção e o destaque a uma ação do grupo menos favorecido, os grevistas, teve a oportunidade de ser mencionada já na estrutura de relevância da notícia.

A partir da leitura do título do texto, uma expectativa de interpretação vem a nossa mente: a ação de ameaça constituindo-se não apenas em um aviso que os grevistas intencionavam dar ao governo, mas sim, em uma chantagem que eles desejavam fazer a essa instituição. Esse ato de ameaça será retomado um pouco mais adiante no *sublead* do texto por meio de acessos a dois discursos, um indireto e um direto, da coordenadora do sindicato da saúde. Mas, antes mesmo desse parágrafo, no *lead* da notícia, o jornal divulga algumas informações que nos dão pistas para perceber que essa hipótese de interpretação para a ação realizada pelos grevistas consolida-se. Nessa parte da notícia, o jornalista publica alguns motivos, como corte e adiamento de salário, que incentivaram os servidores estaduais a realizarem, segundo o próprio jornal, um ato de protesto. Em seguida, no próximo parágrafo, o acesso ao discurso indireto da coordenadora do movimento mostra que, devido a tais motivos, esses servidores fizeram uma ameaça ao governo, afirmando que iriam paralisar todos os atendimentos até o início da tarde.

[...] Perpétua Rodrigues, informou que a medida indignou ainda mais os profissionais e eles ameaçam parar todos os atendimentos até o meio-dia.

A divulgação desse discurso faz com que comprovemos a hipótese que tivemos com a leitura do título da notícia, na qual interpretamos a atitude de ameaça dos grevistas como sendo uma chantagem que esses trabalhadores estavam fazendo ao governo a fim de conseguirem reverter as medidas que essa instituição havia tomado. Sendo assim, a ameaça estava funcionando do seguinte modo: caso o governo permanecesse com a decisão de corte do salário dos funcionários e adiamento do dia de seus pagamentos, os trinta por cento dos profissionais que continuavam trabalhando nos hospitais iriam parar seus atendimentos.

Essa ameaça é um pouco mais evidenciada, como dissemos anteriormente, com o acesso ao discurso direto da mesma coordenadora do sindicato. Vejamos:

"Nossa paralisação estava sendo passiva até o momento, mantendo 30% dos profissionais trabalhando e fazendo atendimentos de emergência, mas agora tomaremos medidas mais drásticas", afirmou.

Esse acesso nos chama a atenção porque, como podemos perceber, o jornal elege um discurso para ser publicado em que a representante dos grevistas utiliza um adjetivo, “drástica”, que nos remete a um modelo mental⁷ de uma situação que é violenta. Um outro adjetivo que a grevista usa, como podemos ver, é “passiva”. Se esse adjetivo fosse utilizado de maneira isolada do discurso, poderíamos vê-lo como representando uma situação que é positiva. Entretanto a construção da oração em que tal item lexical é utilizado, “estava sendo passiva”, permite que interpretemos a ameaça que os servidores estaduais estavam fazendo ao governo como uma atitude não pacífica, ou seja, de violência.

⁷ Constructo que contém a representação subjetiva do texto: as associações pessoais, inferências e experiências prévias (VAN DIJK, 1996).

Essa seleção e organização de informações para serem publicadas nessa notícia proporcionam que o acesso dado a esses atores sociais em toda a estrutura de relevância do texto seja visto como um mecanismo que contribui para uma atribuição de identidade negativa a esses indivíduos. Isso confirma o que Van Dijk (2008) nos diz a respeito da seleção de informações sobre as classes menos favorecidas e do destaque a questões e tópicos referentes a esses grupos que o jornal decide dar na estrutura privilegiada da notícia. Afirma o autor que geralmente quando esses indivíduos recebem acesso nos primeiros parágrafos do texto, as informações escolhidas para serem publicadas e os tópicos que ganham destaque são aqueles que atribuem muitas vezes a esses atores sociais imagens estereotipadas e negativas.

Sendo assim, podemos dizer que o fato de o grupo grevista ter acesso a partir do início da notícia não significa dizer que, em consequência disso, as identidades atribuídas aos indivíduos desse grupo serão unicamente positivas. Percebemos que, dependendo dos atores sociais que ganharem acesso nesses espaços privilegiados do texto, os discursos eleitos para serem divulgados vão ajudar a legitimar identidades positivas ou negativas desses indivíduos.

Um pouco mais adiante, especificamente no *meio* da notícia, mesmo sem ter seus discursos reportados, o grupo dos médicos ganha acesso ao texto. A nosso ver, o discurso em que esses indivíduos são mencionados é elaborado pelo jornal de maneira a não somente evidenciar o fato de que eles são os únicos servidores que não fazem greve, mas também, de modo a apresentá-los como sendo os únicos funcionários que honram os compromissos de trabalho assumidos com o Estado e com a sociedade. Para isso, o jornal não somente insere a conjunção “apenas” no início da oração que dá acesso aos médicos, mas também, em contraponto, introduz mais uma oração (“Funcionários como porteiros, técnicos de enfermagem, instrumentistas e técnicos de raio-x deixaram o prédio”) que mostra vários outros servidores estaduais que deixaram seus trabalhos para se mobilizarem em favor da greve. Vejamos:

Apenas os médicos estão trabalhando neste momento no HR. Funcionários como porteiros, técnicos de enfermagem, instrumentistas e técnicos de raio-x deixaram o prédio e estão concentrados na rampa do hospital, em mobilização.

Vemos, com isso, que a organização textual desse parágrafo é elaborada de modo a não somente se publicar discursos que possibilitem a construção de identidades positivas ao grupo de elite, os médicos, mas também, de se divulgar informações que ainda mais se enfatize a imagem negativa que vem sendo atribuída, desde o início do texto, ao grupo dos excluídos, os grevistas.

No penúltimo parágrafo do texto, esse grupo tem novamente acesso de um discurso reportado. Com essa publicação, ele tem a oportunidade de expor alguns motivos da decisão de permanência de paralisação dos trabalhos nos hospitais.

"Decidimos não assinar este documento e manteremos nossas reivindicações de melhores condições de trabalho, concursos públicos e revisão do Plano de Cargo e Carreiras", destacou.

Um desses motivos, como podemos perceber, refere-se à mobilização dos funcionários para adquirirem melhores condições de trabalho. Isso, a nosso ver, pode trazer como consequência benefícios para o tratamento dos pacientes, uma vez que a melhoria de condições de trabalho em hospitais envolve o reabastecimento do estoque

de materiais e de remédios e a manutenção de máquinas para a realização de exames. Desse modo, a preocupação desses funcionários com a saúde pública proporciona que eles sejam vistos positivamente pelos leitores.

Esse discurso, como podemos ver, somente é publicado no fim da notícia. Isso nos faz pensar que, se na estrutura de relevância do texto são privilegiados os acessos discursivos que possibilitam a construção de identidades negativas dos grupos dos excluídos, não seria estranho vermos que os discursos que permitem uma atribuição de imagem positiva desses atores iriam ganhar preferencialmente espaço na notícia somente no fim do texto. O acesso de mais um discurso direto no último parágrafo da notícia à coordenadora do Sindicato da saúde, por exemplo, permite que mais uma vez essa visão positiva ao grupo dos grevistas aconteça.

"Não iremos admitir esta prática, já que a luta é de todos os profissionais".

A prática a qual a coordenadora se refere nesse discurso é a de negociação que o governo queria realizar separadamente com cada funcionário da saúde. Com a exposição da oração “não iremos admitir essa prática”, interpretamos que os servidores grevistas são vistos como um grupo unido que, independente dos cargos que ocupem no sistema de saúde, procuram a melhoria conjunta de todos os profissionais⁸.

Desse modo vemos nessa notícia que as atribuições de identidades positivas vão ocorrer no fim do texto e as negativas no seu início. Entretanto não podemos afirmar, com base nisso, que o acesso a discursos que possibilitam construções de imagens positivas e negativas aos distintos grupos sociais, de elite e de exclusão social, que ganham espaço no texto sempre vai acontecer nessas estruturas fixas da notícia. Pode ser que discursos tenham acesso no fim do texto sem necessariamente contribuírem para a construção de identidades positivas aos grupos dos excluídos e que tenham acesso na estrutura de relevância da notícia sem colaborarem para a atribuição de identidades negativas a esses grupos.

5. Conclusão

Como resultado de nossas análises, verificamos que a seleção de discursos constitui-se como um dos mecanismos que proporciona o acesso de grupos a participarem discursivamente da notícia, e, dependendo dos discursos que forem selecionados para serem divulgados na notícia, dos discursos reportados e da carga semântica que eles trazem, haverá uma influência no processo de construção de identidades dos atores sociais que são relatados na notícia. Constatamos também que os servidores estaduais em greve conseguiram ter um acesso discursivo privilegiado aos textos noticiosos. Por esse acesso ter sido maior aos grupos grevistas quando eles estavam envolvidos em um momento de conflito, apresentando, por isso, comportamentos, muitas vezes, tidos como agitadores, os discursos que tiveram acesso às notícias, ajudaram na construção de identidades que promoveram estereótipos sociais desses atores. Desse modo, o acesso discursivo pode ser considerado como um mecanismo que não somente tem a função de possibilitar que vários grupos sociais participem discursivamente de diversos gêneros, mas também, a de influenciar a criação de múltiplas identidades sociais.

⁸ Esse discurso é importante porque vemos que a construção identitária dos funcionários em greve da saúde não se atribui de acordo com as distintas profissões, mas sim, ao grupo como um todo.

Referências bibliográficas

FALCONE, Karina A. *O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

HOFFNAGEL, Judith C. *Temas em antropologia linguística*. Recife: Bagaço, 2010.

MOITA LOPES, Luis P. da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, Luis P. da (Org). *Discursos de identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p 13-35

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. O Poder e a mídia jornalística. *Palavra*, n.4, p.167-187. 1997.

_____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.